

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Contos da Manhã

Class.: 11

Data: 14/12/67

Pg.: 11 (1º Caderno)

Na trilha dos índios Karajá - XX

Beluá se enamora
da Estréla-d'alva

Gontran da Veiga Jardim

CM 67-12-14
10/11

Numa aldeia Karajá, o Cacique Mancuari tem um problema: duas filhas, mas uma delas, Beluá, não quer casar com um guerreiro comum. A outra, Kuanadiki, é bondosa e não faz restrições. Os guerreiros se apresentam, mas Beluá se julga filha de deuses e não aceita a corte dos homens da aldeia. Ela quer a Estréla Dalva. Nas madrugadas, o seu pai ouve a conversa de Beluá com a Estréla Dalva. Ela pedía sempre que a estréla se transformasse num lindo guerreiro, para ser seu companheiro. E chamava: "Venha, transforme-se num guerreiro e venha casar comigo."

Um dia, a Estréla Dalva (Tainahacá) resolve atender às súplicas de sua distante namorada. Para o espanto de todos que presenciavam a cena, a estréla se deslocou e começou a se mover em direção da Terra. A proporção que se aproximava, sua luz ia perdendo o brilho, tomando a forma de homem, até que, de pé sobre a esteira de Beluá, surge um velhinho. Diz a ela: "aqui estou e vim para casar com você. Eu sou Tainahacá." Beluá, que sonhava com um lindo guerreiro, se apavora com a figura do velho e corre para a sua choça gritando: "não quero você, mas um belo guerreiro!"

A cena chama a atenção de toda a aldeia. Kuanadiki, a moça que respeitava as tradições da aldeia, se levanta e tudo faz para agradar o velho. Pede desculpas e traz alimentos para Tainahacá. Na madrugada do segundo dia, Tainahacá pede a todos que o deixem livre, pois terá que ir ao mato sozinho, não podendo ser seguido. A princípio, Kuanidiki, levando em conta a idade de Tainahacá, pede-lhe que a deixe acompanhá-lo. Mas o velho não consente e se embrenha na floresta. Só volta ao entardecer. Toma o seu banho nas águas frescas do Araguaia. Kuanidiki se aproxima, leva alimentos e trata o velho com ternura, penteando-lhe os cabelos e pintando-lhe o corpo.

O velhinho, que veio da Estréla Dalva, chama a atenção da aldeia, e todos se reúnem à

sua volta para escutar as histórias sábias, que falam de coisas que os guerreiros nunca tinham ouvido antes: como tirar o mel, como seguir uma caça e não perdê-la, como fazer as panelas e outros conselhos úteis à comunidade. Tais cenas se repetem por semanas e o velhinho se torna figura conhecida e respeitada na aldeia. Certo dia, Kuanadiki, não podendo conter a curiosidade, segue o anelão até o mato, sotraiteiramente. E vê o seguinte:

Numa vasta clareira, plantas exóticas nascem e no centro um guerreiro forte trabalha a terra. O belo guerreiro se volta de repente e descobre Kuanadiki, que ali estava à espreita. Foi quebrado o encanto. Pela ação mágica da Estréla Dalva, Tainahacá não pode mais se esconder sob as rugas e cas do velho que estremeceu Beluá. Chama Kuanadiki e mostra-lhe que o seu trabalho era apenas uma lavoura. Seu intento era ensinar aos guerreiros como fazer uma lavoura perfeita, para que a comunidade pudesse ter uma vida melhor. O forte da aldeia era a caça e a pesca. É bom que se lembre que os Karajá ainda eram primitivos e não havia muito tempo que se tinham separado dos aruanãs. Na pesca eram campeões, mas nada mais sabiam da vida na terra e nas matas.

Kuanidiki ficou deslumbrada e tomou-se de amóras pelo príncipe encantado. Ambos seguiram para a aldeia e todos se espantaram ante a visão de um forte e belo guerreiro abraçado a Kuanidiki. Tainahacá explica aos guerreiros que sua presença sob a forma de um velho, nada mais queria dizer que a sabedoria da experiência nunca deve ser esquecida. Beluá, a orgulhosa, chela de inveja ao ver o guerreiro ao lado da sua irmã, tenta conquistar Tainahacá, que não aceita a manobra da bela índia, pois já está apaixonado por Kuanidiki. O guerreiro misterioso propõe casamento a Kuanidiki, que aceita. Os índios, felizes, passam a festejar o acontecimento. Tainahacá,

após o consentimento de toda a aldeia, ensina que, para que o matrimônio se concretize, são necessárias as provas da pescaria e da caçada, que até hoje vigoram entre os Karajá.

O casamento é combinado. Tainahacá chama os guerreiros e mostra-lhes a lavoura, ensinando como devem proceder para que a roça não morra. Explica-lhes que, quando precisarem de mais esclarecimentos, invoquem o deus Adioromani, um deus brincalhão que virá dar a sua lição, ensinando tudo o que se deve fazer para que se tenha uma boa lavoura. O casamento então é realizado e Kuanidiki se torna esposa de Tainahacá. Vão viver na sua choça como um casal comum. Nos primeiros dias, os alimentos são depositados à entrada da choça.

O casal come e devolve, vazias, as panelas da comida. Tainahacá e Kuanidiki saem de sua choça para o banho matinal no Berhocá. Durante o dia permanecem em seu lar.

Certo dia, as mulheres que levam os alimentos observam que as panelas continuam cheias. O casal não tocou nos alimentos. Curiosas, afastam as palhas e olham para o interior da choça, temendo alguma doença. Mas vêem a esteira e duas sombras em repouso. Dois dias se passam e tudo se repete. As mulheres chamam o Cacique e o Pajé, para relatar-lhes o que se passava. As duas autoridades entram na choça: lá estavam, em lugar de Tainahacá e Kuanadiki, dois toros de bananeira. É dado o alarme. Começa a procura do casal, mas tudo em vão. Lá em cima, continua brilhando, com mais intensidade, a Estréla d'Alva, tendo ao seu lado uma estréla menor. Beluá viu tudo isso e, espantada, chamou toda a aldeia para ver o espetáculo. Até hoje, Tainahacá e Kuanidiki lá estão juntos, brilhando sempre. Os Karajá guardam o maior respeito pelas duas estrélas, porque sabem que laços fortes de parentesco os unem.